

ABORDAGEM SOCIOLINGÜÍSTICA DA APÓCOPE FINAL DE /R/ EM CONTEXTO BRASILIENSE-GOIANO

Jessé Da Silva Lima¹

RESUMO:

Este trabalho é um estudo sociolinguístico da apócope de /R/ em codas finais, tendo como corpus algumas produções de indivíduos moradores de Goiás, Brasília e a região que fica em seu entorno. O objetivo é verificar o funcionamento desse fenômeno de variação em textos orais com o intuito auxiliar na interpretação do que favorece ou não a sua realização. Os dados foram colhidos através de entrevista pessoal, para, em seguida, serem analisados e quantificados segundo a Teoria da Variação, da Sociolinguística Variacionista, proposta por Labov. Como base teórica aparecem os textos de Mollica (2003), Monteiro (2000), Mattoso Câmara (1999) e Bisol (1997). A conclusão encontrada é a de que a apócope de /R/ está interligada a fatores sociais e linguísticos que operam segundo o princípio da economia linguística e visam facilitar a produção de vocábulos e expressões na língua.

Palavras-Chave: Sociolinguística, Apócope, Consoante /R/, Brasília, Goiás.

INTRODUÇÃO

A região Centro-Oeste do Brasil apresenta grande variedade linguística e uma rica diversidade cultural, logo é possível encontrar vários fenômenos que seriam dignos de estudo dentro da ciência da linguagem. Especialmente, o espaço que compõe o Planalto Central destaca várias possibilidades de análise desde a criação de Brasília, cidade planejada pelo então Presidente Juscelino Kubitschek para ser a capital do país e que atualmente ocupa a posição de maior renda per capita do país. Ao seu redor temos cidades que apresentam um quadro social e econômico diferente, como algumas populações tradicionais do estado de Goiás cuja existência precedem a da capital federal, sendo Luziânia um exemplo, e os vários municípios e bairros que foram formados após a sua construção, como Valparaíso de Goiás, Cidade Ocidental e Jardim do Ingá. Esses últimos possuem forte influência dos nordestinos que construíram Brasília e ficaram pela região após o término da obra, ajudando diretamente a construir tais espaços urbanos.

Encarando essa realidade ampla e multifacetada que suscita várias ideias para pesquisas na Linguística, resolvi focar no fenômeno fonético-fonológico da apócope, caracterizado pela perda de fonema em final de sílaba. O arquifonema /R/ foi o escolhido para ter a sua presença ou ausência aferida em codas finais. Alguns autores já apontaram tendência ao apagamento de /R/ em segmentos finais, como Mollica (2010) que em seu estudo sobre o destravamento silábico analisou textos de alunos do Ensino Fundamental II e constatou que a queda do /R/ em final de sílaba é muito comum na escrita das crianças e adolescentes. Outro dado que chama a atenção é que a ocorrência de queda é muito maior quando o /R/ está em final de palavras, o que, segundo a autora (MOLLICA, 2003, p.34), é explicado com base na fala dos brasileiros, onde as palavras que possuem /R/ final são pronunciadas cotidianamente sem a sua realização.

¹ (Licenciando, UnB). jesse.1548@gmail.com

Dessa maneira, a hipótese levantada é a de que /R/ em coda final tenda a cair nas produções dos indivíduos por causa de um ancorado no princípio da Economia Linguística, apaga o fonema para reduzir o esforço dispensado na realização linguística.

METODOLOGIA

O presente trabalho baseia-se no método de pesquisa de campo, onde os fatos do mundo são observados e coletados para, depois, serem aferidos com base em uma teoria científica. Aqui, seguirei os preceitos da área de estudo que convencionou-se chamar Sociolinguística, proposta por Labov em meados de 1960 e que visa estudar a Linguagem através de um ponto de vista social. Mais especificamente, trabalharei com a corrente da Teoria da Variação, preconizando que o trabalho com a língua “deve partir do pressuposto de que a heterogeneidade manifestada na fala pode ser analisada de forma coerente” (Monteiro, 2000).

Dessa forma, analisarei a fala e a escrita de indivíduos moradores de Brasília - DF, Luziânia - GO e Jardim do Ingá. Duas pessoas de cada local cederam entrevistas e escreveram um texto voluntariamente para compor o corpus deste trabalho.

As variáveis sociais analisadas serão: a procedência, como já apontado acima,, e o grau de escolaridade (ensino médio ou ensino superior). Já as variáveis linguísticas ficarão a cargo das classes de palavras, extensão do vocábulo e tonicidade da sílaba.

1. RESULTADOS

É sabido que tornou-se comum apagar o /R/ em final de palavras no Português Brasileiro. Nos tópicos abaixo, esse fenômeno será avaliado a partir de dados obtidos em entrevista roteirizada, concedidas voluntariamente por cada um dos seis participantes.

Os resultados obtidos pela análise dos dados mostraram vários indicadores interessantes para o entendimento da apócope final de /R/ nas produções linguísticas dos indivíduos e, conseqüentemente, das sociedades que compõem a região estudada. Para fins de classificação, os dados foram divididos entre as realização com /R/ preenchido e apagamento [Ø]. Abaixo segue descrição detalhada.

1.1. Variáveis sociais

As variáveis sociais são aquelas que se encontram em um domínio não propriamente linguístico, mas adjacente a ele. Nesse trabalho, decidiu-se que seria relevante aferir questões relacionadas à procedência e ao grau de escolaridade dos indivíduos entrevistados.

1.1.1. Procedência

Cada sujeito se constitui através de vários elementos e processos sociais e um dos que mais se mostram relevantes nessa construção é o local em que se nasceu e se vive. Assim, os estados, cidades, bairros e distritos possuem características próprias que são cultivadas em coletivo, mas expressas individualmente pelas pessoas que moram e constroem esses locais. Um exemplo desse acontecimento é a fala, ou seja, a realização oral da língua.

Dessa forma, os falantes de Brasília, Luziânia e Jardim do Ingá indicam diferenças entre si nos dados recolhidos.

Tabela 1 - Procedência

VARIANTE	PROCEDÊNCIA			TOTAL
	Luziânia	Brasília	Entorno	
/R/	6 (5.83%)	30 (17.44%)	9 (9%)	45 (12%)
[Ø]	97 (94.17%)	142 (82.56%)	91 (91%)	330 (88%)
TOTAL	103 (27.47%)	172 (45.87%)	100 (26.66%)	375 (100%)

A preferência por [Ø] é nítida nos três locais, porém vale destacar que os falantes de Brasília são os que mais realizaram /R/ (17.44%). Isso pode ser explicado pelo fato de essa cidade ser a que possui melhores indicadores de infra-estrutura e conforto social, o que contribui para uma melhor escolaridade e, conseqüentemente, mais conhecimento da norma culta do Português Brasileiro. Na região de Luziânia e Entorno (Jardim do Ingá), /R/ apresentou números um pouco mais modestos (5.83% e 9%, respectivamente), o que confirma a relação entre procedência e estrutura social/econômica.

No entanto, o índice elevado de ocorrências em [Ø] indica que essa variante tem sofrido pouca ou quase nenhuma estigmatização social, já que segmentos tão diferentes da sociedade estão preferindo realizá-la.

1.1.1. Escolaridade

A variável Escolaridade revela muitos traços sociais que são importantes para entendermos quem ganha e quem perde no jogo da variação linguística e o que motiva a vitória ou a derrota em cada contexto.

Nas últimas décadas, o número de cidadãos cursando ou diplomados no ensino superior aumentou bastante, como mostra o Censo 2010 (IBGE). Esse nível de escolaridade mostra-se interessante por não fazer parte da educação básica, ou seja, está além dele, e por ser direcionado a um conhecimento específico, além de ter como foco a reflexão teórica sobre o(s) objeto(s) estudado(s). Assim, crê-se que aqueles que foram expostos a esse sistema de ensino realizam menos formas linguísticas estigmatizadas, pois adquirem mais status social e, algumas vezes, econômico.

Dentro dessa perspectiva, separei os indivíduos entre os que possuem ensino superior completo e aqueles que se formaram apenas no ensino médio. Devo destacar que, em ambos os grupos, os indivíduos foram expostos a um ciclo de educação completo. Assim, a hipótese levantada é a de que quanto mais a pessoa é exposta a uma educação formal, mais ela reproduz as normas previstas nas gramáticas. Com a análise dos dados veremos se tal previsão confirma-se ou não:

Tabela 2 – Escolaridade

VARIANTE	ESCOLARIDADE		TOTAL
	Com Ensino Superior	Sem Ensino Superior	
/R/	28 (13.46%)	17 (10.18%)	45 (12%)
[Ø]	180 (86.54%)	150 (89.82%)	330 (88%)
TOTAL	208 (55.46%)	167 (44.54%)	375 (100%)

A tabela acima revela que os falantes que possuem ensino superior preferem a variante /R/ à [Ø]. A diferença é pequena (mais ou menos 3%), mas apesar disso trata-se de um indicativo importante que exemplifica a influência da educação formal na fala das pessoas.

Como a variável anterior já havia indicado, [Ø] tem sofrido pouco estigma social negativo. O grande número de ocorrências entre falantes que possuem ensino superior completo é uma prova da aceitabilidade dessa variante na sociedade brasileira atual.

3.2. Variáveis linguísticas

Além das variáveis sociais, também é possível encontrar condicionantes que estão no nível da estrutura da língua, ou seja, aqueles aspectos específicos que contribuem para a realização ou não de uma variante. No presente trabalho, trabalharei com dois deles: classes de palavras e extensão do vocábulo.

3.2.1. Classes de palavras

Segundo a Norma Gramatical Brasileira (NGB), existem dez classes de palavras no Português Brasileiro (PB). São elas: substantivo, artigo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio, numeral, preposição, conjunção e interjeição. Cada classe apresenta características próprias nos níveis fonológicos, morfológicos e sintáticos, por isso é relevante que essa variável seja contemplada no presente estudo.

Nos dados colhidos, somente verbos, nomes (substantivos e adjetivos), pronomes e preposições apresentaram vocábulos que variaram entre /R/ e [Ø] na posição de coda final. A tabela a seguir demonstra a totalidade das ocorrências e discrimina cada uma das porcentagens.

Tabela 3 - Classes de palavras

CLASSE	VARIANTE		TOTAL
	/R/	[Ø]	
Nome	14 (31.11%)	43 (13.04%)	57 (15.2%)
Verbo	10 (22.22%)	280 (84.85%)	290 (77.33%)
Pronome	0	3 (0.90%)	3 (0.8%)
Preposição	21 (46.67%)	4 (1.21%)	25 (6.67%)
TOTAL	45 (12%)	330 (88%)	375 (100%)

A volumosa ocorrência desse processo de variação nos verbos (77.33% do total) é o que primeiro chama a atenção. Isso pode ser explicado por ele ser a classe gramatical mais produtiva, juntamente com o nome, e também pela própria estrutura dos verbos, que, quando estão no infinitivo, recebem -ar, -er ou -ir depois do radical. Ora, se a apócope trata-se de queda de fonema em final de palavras, quando nos debruçamos sobre a apócope do /R/, espera-se que aconteçam muitas ocorrências com vocábulos dessa classe.

O r final dos verbos no infinitivo é uma marca morfológica que concede muito peso à sílaba em que se encontra e, segundo o quadro conjugacional do PB, ele só pode aparecer nas oxítonas. O que acontece é que, mesmo quando o /R/ desses verbos cai, o peso dele é transferido para a vogal que o antecede, matendo a força que antes possuía. Quando analisei as variáveis sociais já ficou claro que [Ø] perdeu o histórico estigma social (ou grande parte dele), e todos os tipos de indivíduos, de todas as classes sociais e localidades, produziram-no em maior número do que /R/.

Pela sua estrutura morfológica, especialmente quando está no modo infinitivo, o verbo favorece a realização de /R/ e [Ø], por isso é a classe que se apresenta como carro-chefe dessa dinâmica variacional e mostra que o apagamento da vibrante é mais comum do que se imagina.

Uma outra classe que chama a atenção é a preposição. É curioso notar que, em um total de 25 produções, 21 foram realizadas com /R/ e apenas 4 com [Ø]. O que pode explicar esse fato é a existência de algumas expressões na língua, como “por nada”, “por favor” etc, que sofreram um processo de formação de compostos, transformando-os em algo análogo a uma lexia, ou seja, os falantes a interpretam, praticamente, como uma palavra só, como um composto cristalizado. Isso valoriza o apagamento de /R/, ou seja, a aparição da variante [Ø].

Por outro lado, o que pode valorizar a presença de /R/ na maioria das ocorrências é o contexto seguinte. Por exemplo, se a palavra que precedir a preposição for iniciada por vogal, há grandes chances de a vibrante ser mantida, pois isso fortifica o padrão CV previsto para o PB.

3.2.2. Extensão do vocábulo

Uma variável que tem se mostrado relevante em estudos sociolinguísticos é a extensão do vocábulo, pois, a depender do processo metaplasmático analisado, ela pode favorecer ou não a realização da queda ou do acréscimo de segmentos no vocábulo.

O critério para definir a extensão do vocábulo baseia-se nas sílabas e por isso temos 4 possibilidades:

- *Monossílabos: Vocábulo com apenas uma sílaba;*
- *Dissílabos: Vocábulo com duas sílabas;*
- *Trissílabos: Vocábulo com três sílabas;*
- *Polissílabos: Vocábulo com quatro sílabas ou mais.*

Como estamos estudando a apócope de /R/ em codas finais, pesquisar a influência da extensão dos vocábulos onde esse metaplasmo acontece pode mostrar-se produtivo.

Tabela 4 - Extensão do vocábulo

EXTENSÃO DO VOCABULO					
VARIANTE	MONOSSILABO	DISSILABO	TRISSILABO	POLISSILABO	TOTAL
/R/	25 (22.93%)	16 (9.14%)	4 (5.20%)	0	45 (12%)
[Ø]	84 (77.07%)	159 (90.86%)	73 (94.80%)	14 (100%)	330 (88%)
TOTAL	109 (29.07%)	175 (46.66%)	77 (20.54%)	14 (3.73%)	375 (100%)

Os vocábulos monossílabos apresentaram 109 ocorrências e, desse total, 22.93% foram realizadas com a variante /R/, enquanto 77.07% vieram com [Ø]. É nítida a preferência por [Ø], porém foram vocábulos que aconteceram mais realizações com a variante padrão.

A explicação que se dá para esse número maior de ocorrências preenchidas, em contraposição às que realizam o apagamento [Ø], é a recuperação do fonema na mente do falante. Como o vocábulo possui apenas uma sílaba, é mais fácil retomar o seu fonema final.

Já dos 175 vocábulos dissílabos presentes em nosso corpus, 90.86% figuraram com /R/ e apenas 9.14% com [Ø]. Quando comparamos com os monossílabos, notamos um aumento em /R/ e uma diminuição em [Ø]. Esse fato parece revalidar a teorização proposta acima, sobre a relação do tamanho do vocábulo e o ato de recuperação dos fonemas na mente do falante.

Nos trissílabos é perceptível a constante gradação: 94.80% realizados com /R/ e 5.20% [Ø]: mais um aumento na primeira variante, em decorrência de diminuição da segunda.

O tipo de vocábulo mais longo apresenta números deveras interessantes para a nossa análise: Das 14 realizações de polissílabos, todos aconteceram com a variante [Ø]. Assim, a hipótese inicial se

confirma: quanto mais longo o vocábulo, mais fácil será para o falante realizar metaplasmos de supressão em codas finais e, nesse caso específico, a apócope.

2. CONCLUSÃO

O apagamento de /R/ foi, de longe, o mais aceito e melhor avaliado pelos informantes. Isso é demonstrado por praticamente todos os itens de análise de variáveis.

As variáveis sociais indicaram que o nível de escolaridade foi pouco relevantes (mesmo indicando uma pequena preferência pela variante culta nas camadas elitizadas da sociedade) para a escolha das variantes, enquanto a procedência mostrou-se mais produtiva na diferenciação de escolha das ocorrências, o que reforça a riqueza cultural das três cidades/bairros estudadas.

Os condicionantes linguísticos, como por exemplo as classes de palavras, mostraram que a realização dos verbos no infinitivo possuem tendência a marcar [Ø], deixando o peso silábico que outrora fora de /R/ somente na sílaba. Também mostrou-se relevante para esse fenômeno o modelo silábico do PB, que preferencia CVCV, o que motivou a queda de /R/ em algumas preposições que, em seu contexto fonológico seguinte, apresentava uma consoante.

Ao final, a hipótese apresentada no início desse trabalho, confirma-se. Creio que o princípio da Economia Linguística, associado a outros condicionamentos que foram vistos no decorrer do estudo, como a extensão do vocábulo, a escolaridade dos informantes, entre outros, é o que ocasiona (ou não) a apócope /R/. Também é possível perceber um esforço em simplificar vocábulos da língua, seja para facilitar a produção ou evitar redundâncias no sistema do PB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. Estrutura da língua portuguesa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- COELHO, Thamiris Santana; TEIXEIRA, Eliana Pitombo. A variação do /R/ em posição de coda final no português de Angola. SEMIC-UFES, 2011. pp. 485-488.
- História de Luziânia. Disponível em: < <http://www.encontraluziania.com.br/luziania/> > Acesso em 13 de maio de 2016.
- História. Brasília: a cidade sonho. Disponível em: < <http://www.brasilia.df.gov.br/index.php/2015/10/21/historia/> >
- IBGE. Censo 2010. Disponível em: < www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=8 > Acesso em 08 de maio de 2016.
- MATZENAUER, Carmen Lúcia. Introdução à teoria fonológica in: BISOL, Leda (Org.). Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro – 4. ed. – Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2005.
- MOLLICA, Maria Cecília. Da linguagem coloquial à escrita padrão. Rio de Janeiro, RJ: 7letras, 2003.
- MOLLICA, Maria Cecília. Fala, letramento e inclusão social. São Paulo, SP: Contexto, 2007
- MONTEIRO, Cristina Góes. Marcas de oralidade. In: MOLLICA, Maria Cecília (Org.). Linguagem para formação em letras, educação e fonoaudiologia. São Paulo, SP: Contexto, 2000..
- MONTEIRO, José Lemos. Para compreender Labov. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MAIA, Flávia. Distrito Federal mantém a posição de maior renda per capita do Brasil, 19 de novembro, 2015. Disponível em: < http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/11/19/interna_cidadesdf_507261/distrito-federal-mantem-a-posicao-de-maior-renda-per-capita-do-brasil.shtml > Acesso em 01 de junho de 2016.
- TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolinguística. São Paulo, SP: Ática, 1994.